



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 33 – dezembro de 2024

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2024i33p123-141>

**O grotesco, o marginal e a estranheza no romance *Favelost*, de Fausto
Fawcett**

**The grotesque, the marginal and the strangeness in the romance
Favelost, by Fausto Fawcett**

*Ricardo Celestino**

RESUMO

Este artigo analisa as estratégias de construção de sentidos dos enunciados literários presentes no romance *Favelost* (2012), de Fausto Fawcett. Selecionamos como referencial teórico-metodológico a Análise do Discurso proposta por Dominique Maingueneau, que propõe a necessidade de organização de um quadro hermenêutico para a leitura crítica de enunciados literários. Optamos por um quadro hermenêutico constituído por: a literatura marginal, caracterizada por dar voz a personagens e cenários frequentemente relegados à periferia da sociedade; a poética da incerteza, que opera por meio de uma suspensão contínua da descrença, mantendo o coenunciador em um estado de hesitação entre explicações racionais e sobrenaturais; e o grotesco, ferramenta poderosa para destacar as aberrações e injustiças sociais, utilizando o choque e a perturbação para provocar uma reação emocional no coenunciador. Demonstramos que a confluência das três formações discursivas não apenas reforça o caráter especulativo da amostra selecionada, mas também proporciona uma leitura crítica aprofundada.

PALAVRAS-CHAVE: *Favelost*; Fausto Fawcett; poética da incerteza; grotesco; literatura marginal

ABSTRACT

This article analyzes the meaning-making strategies of literary statements present in the novel *Favelost*, by Fausto Fawcett. We selected as a theoretical-methodological reference the Discourse Analysis proposed by Dominique Maingueneau, which significantly contributes to the analysis of literary discourses by proposing the need to organize a hermeneutic framework for the critical reading of literary statements. We opted for a hermeneutic framework consisting of: marginal literature, characterized by giving voice to characters and settings often relegated to the periphery of society; the poetics of

* Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC SP; Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes; Programa de Pós-Graduação em Literatura e Crítica Literária – São Paulo – SP – Brasil – rcelestino@pucsp.br



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 33 – dezembro de 2024

uncertainty, which operates through a continuous suspension of disbelief, keeping the speaker in a state of hesitation between rational and supernatural explanations; and the grotesque, a powerful tool to highlight social aberrations and injustices, using shock and disturbance to provoke an emotional reaction in the co-speaker. As a result of the research, we demonstrated that the confluence of the three discursive formations not only reinforces the speculative character of the selected sample, but also provides a hermeneutic framework that proposes an in-depth critical reading.

KEYWORDS: *Favelost*; Fausto Fawcett; poetics of uncertainty; grotesque; marginal literature

Introdução

O artigo tem como tema a análise das estratégias de construção de sentido, por parte do coenunciador, dos enunciados literários presentes no romance *Favelost*, de Fausto Fawcett. Consideramos nosso objeto de pesquisa uma obra literária do fantástico brasileiro que explora, com experimentalismo, formas inovadoras de especular sobre o futuro, transitando entre o grotesco, a poética da incerteza e a literatura marginal. Em *Favelost*, a violência emerge como o eixo central dos enunciados literários, transformando o que é atópico e não dito na sociedade contemporânea em elementos tópicos e abjetos na enunciação. Essa violência não apenas permeia a narrativa, mas também serve como um direcionamento para o coenunciador especular sobre as fraturas inerentes aos processos de modernização e urbanização das metrópoles brasileiras, especialmente Rio de Janeiro e São Paulo. Os registros de violência são articulados nos enunciados literários por meio de três formações discursivas fundamentais que sustentam um quadro hermenêutico em toda a obra: a poética da incerteza, o grotesco e a literatura marginal. Essas formações discursivas permitem uma leitura aprofundada e multifacetada da obra, revelando camadas complexas de significação e oferecendo uma crítica incisiva das dinâmicas sociais e urbanas contemporâneas.

Na realidade especulativa criada por Fausto Fawcett, as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro não existem mais como entidades separadas. Elas se fundiram em uma única megalópole chamada Rio Paulo de Janeiro São, constituída por um conglomerado de casas paupérrimas, microindústrias clandestinas e pontos comerciais que tomaram a Via Dutra. Esse vasto território é conhecido como Mancha Urbana ou Favelost, hipérbole das consequências do capitalismo na vida comunitária e cultural. De um lado, a Mancha Urbana simboliza um território dominado por uma urbanização caótica e extrema, onde a pobreza e a clandestinidade se misturam com avanços tecnológicos. Por outro lado, Rio Paulo de Janeiro São representa a fusão das duas maiores cidades brasileiras, criando uma megalópole que sintetiza o ápice da urbanização descontrolada. Os protagonistas da obra, Júpiter Alighieri, um veterano da organização Intensidade Vital, responsável por manter a ordem em Favelost, e Eminência Paula, parceira de Júpiter e também membro da Intensidade Vital, possuem uma missão: eles têm apenas 24 horas para se encontrar, fazer sexo e alcançar o orgasmo que desarmará o chip autodestrutivo implantado em seus corpos.

Selecionamos como referencial teórico-metodológico para esta pesquisa, principalmente, os estudos da Análise do Discurso de tendência francesa, proposta por Dominique Maingueneau (2006), que contribui significativamente para a análise de discursos literários ao propor a necessidade de organização de um quadro hermenêutico para a leitura crítica de enunciados literários. Nesse sentido, optamos por um quadro hermenêutico constituído pela literatura marginal, a partir de Canclini (1997), Eble (2012), Ferréz (2005) e Santos (2024), a poética da incerteza, sob perspectiva de Bessière (2001), e o grotesco proposto por Bakhtin (2008) e Kayzer (2003). Compreendemos que essas formações discursivas nos auxiliam a compreender as possibilidades de construção de sentidos do coenunciador da obra *Favelost*, de Fausto Fawcett.

A literatura marginal, por um lado, oportuniza ao coenunciador agenciar os personagens apresentados na narrativa como hipérboles da realidade periférica de cidades como São Paulo e Rio de Janeiro. A poética da incerteza, por sua vez, opera por meio de uma suspensão contínua da descrença, mantendo o coenunciador em um estado de hesitação entre explicações racionais e sobrenaturais. O grotesco, por fim, é uma ferramenta utilizada na narrativa para destacar as aberrações e injustiças sociais, utilizando o choque e a perturbação com a possibilidade de provocar uma reação emocional no coenunciador.

1 O coenunciador, a coenunicação e o quadro hermenêutico

Selecionamos como aparato teórico-metodológico de pesquisa para compreender o papel do coenunciador na construção de sentidos no texto literário a abordagem enunciativo-discursiva de Maingueneau (2006). Nessa perspectiva, a coenunicação é um ato que envolve a reconstrução do contexto enunciativo, permitindo ao leitor interagir com as formações discursivas dos enunciados literários apresentados. Compreendemos por formação discursiva um termo que

[...] permite, com efeito, designar todo o conjunto de enunciados sócio-historicamente circunscrito que pode relacionar-se a uma identidade enunciativa: o discurso comunista, o conjunto de discursos proferidos por uma administração, os enunciados que decorrem de uma ciência dada, o discurso dos patrões, dos camponeses etc. (Charaudeau; Maingueneau, 2008, p. 242).

As formações discursivas são constituídas por unidades tópicas, que são espaços discursivos pré-delineados pelas práticas verbais, e por unidades transversas, que atravessam múltiplos gêneros de discurso. As unidades tópicas, como o discurso escolar, englobam gêneros específicos, como o diário de classe e o relatório, que pertencem a um tipo de discurso institucionalizado. Essa estrutura permite que os discursos sejam analisados não apenas em termos de conteúdo, mas também em relação às práticas sociais e históricas que os moldam. Isso significa que a heterogeneidade constitutiva dos gêneros discursivos preexiste a uma relação de subordinação a um lugar institucionalizado, permitindo uma análise mais rica e complexa das práticas discursivas.

Na análise de textos literários, a noção de formação discursiva se revela extremamente produtiva, pois permite uma abordagem que considera tanto os aspectos formais quanto os contextuais das obras. Ao aplicar essa perspectiva, podemos examinar como os textos literários se inserem em formações discursivas específicas, como a literatura marginal ou o grotesco, e como essas formações dialogam com as práticas culturais e sociais de seu tempo. Por exemplo, a literatura marginal pode ser analisada como uma formação discursiva que desafia as normas do cânone literário dominante, articulando temas de resistência e identidade em gêneros como a autobiografia e o romance social. É o caso de obras como *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* (1960), de Carolina Maria de Jesus, e *Capitães da Areia* (1937), de Jorge Amado, que articulam temas de resistência e identidade. Da mesma forma, o grotesco pode ser visto como uma estética que permeia diversos gêneros, caracterizando-se por uma distorção da realidade, que provoca tanto repulsa quanto fascínio. Exemplos dessa formação discursiva podem ser encontrados em obras como *Frankenstein* (1818), de Mary Shelley, que explora os limites da ciência e da humanidade, e *O Estrangeiro* (1942), de Albert Camus, que desafia as normas sociais e morais. No teatro, peças como *Esperando Godot* (1953), de Samuel Beckett, incorporam elementos grotescos ao apresentar situações absurdas e personagens que desafiam a lógica convencional.

Um texto literário pode revelar, dessa maneira, o desdobramento de inúmeras formações discursivas para a construção dos efeitos de sentido dos enunciados apresentados. Maingueneau (2006) observa que um texto literário se constitui nas tramas e fios do interdiscurso, o que nos leva a considerar a importância de um quadro interpretativo que potencialize o mapeamento das formações discursivas e não seja definitivo, limitando as possibilidades de construção de sentidos dos enunciados por parte do coenunciador.

O coenunciador, para Maingueneau (2006), não é um receptor passivo, mas um agente ativo que interage com o texto, trazendo, nas fronteiras que os enunciados lhe impõem, conhecimentos e expectativas para a interpretação. Essa interação dinâmica entre o texto e o leitor é fundamental para a produção de sentido, pois o leitor preenche as lacunas deixadas pelo autor, reconstrói contextos enunciativos e negocia significados. Assim, o exercício de mapear as formações discursivas presentes nos enunciados literários por parte do crítico ou analista auxilia no exame da potência dos enunciados em proporcionar camadas de sentido. Ao utilizar essa abordagem, o crítico literário pode explorar como os enunciados de um discurso podem ser compreendidos e como eles se articulam com outros discursos e contextos, sem limitar a potência de outras coenunciações possíveis.

Maingueneau (2006) destaca que pode haver um conflito na prioridade crítica acerca da leitura de uma obra literária. De um lado, há aqueles que valorizam a validação dos sentidos de um texto literário a partir da capacidade de demonstrar como as teorias potencializam e mapeiam o entendimento dos enunciados estudados. Por outro lado, há aqueles que valorizam a experiência pessoal na organização do quadro hermenêutico que direcionará e mapeará a leitura desse mesmo texto literário. Ambos os procedimentos de leitura são capazes de sondar o sentido dos enunciados de uma obra literária. Contudo, nossa pesquisa dedica-se a uma abordagem em que o crítico é motivado a reunir aparatos teóricos que auxiliem na observação de como o coenunciador articula o sentido dos enunciados literários. Nesse movimento, o analista ou crítico literário é incentivado a examinar como, no âmbito do discurso literário, há uma mensagem subjacente que emerge nos enunciados, buscando definir trajetórias teóricas específicas pode revelar parte desse enigma.

Dessa maneira, os enunciados literários, quando submetidos a um quadro hermenêutico, oferecem garantias ao crítico ou analista do discurso para agenciá-los a um estatuto pragmático. Maingueneau (2006) entende esse estatuto como uma forma de existência dos enunciados literários na rede do interdiscurso, implicando um esforço de estabelecimento e localização do significado nas fronteiras de um território possível. Compreendemos que o discurso literário invariavelmente detém uma relação parasitária na circulação social, pertencendo e não pertencendo mutuamente às instituições sociais. Ele revela mensagens de importância para a comunidade, mas, ao mesmo tempo, não possui o poder de agir diretamente sobre ela. Assim, quanto mais se expande o potencial de efeitos de sentido de um discurso literário e se estabelecem pontes e fios com outras

formações discursivas, mais desvelamos o enigma que constituem seus enunciados e sua potência em resignificar as subjetividades da vida social.

Para Maingueneau (2006), a cada nova leitura, o labirinto de interpretações se torna mais intrincado, envolvendo o texto em sua própria complexidade. O papel do analista ou crítico literário é atenuar o mistério do texto com base no quadro hermenêutico adotado. No entanto, esses especialistas nunca esgotam a hermenêutica, ou seja, o desafio inerente aos enigmas que envolvem o cerne que a fonte literária reserva e esconde a sete chaves. A multiplicidade de interpretações surge pela ausência de um Autor em carne e osso, convencional no discurso literário, que poderia legislar sobre o sentido total dos enunciados criados. Este Autor foi substituído por uma entidade impessoal que transita entre o sujeito empírico, o sujeito social e o enunciador da obra. Essa instância reflete a fragilidade da posição autoral, possibilitando ao crítico ou analista esforçar-se em tamponar essa posição com estudos que multipliquem a potência de leitura da obra literária selecionada, mas que nunca alcancem a Verdade absoluta. A ausência de um Autor definitivo abre espaço para uma pluralidade de vozes e interpretações, em que cada leitura contribui para a construção de novos sentidos.

Por fim, envolver-se em uma análise na condição de críticos literários ou analistas, segundo Maingueneau (2006), implica deparar-se com uma ampla gama de possibilidades interpretativas. Cada abordagem reflete um molde composto por diferentes estruturas discursivas, que por sua vez, são determinadas pelas escolhas teórico-metodológicas adotadas. Esse molde, formando o quadro hermenêutico enunciativo-discursivo, desempenha um papel crucial na capacidade de interpretar o universo estético que o enunciador desenvolve em uma obra literária. Dessa maneira, para sistematizar a análise dos enunciados literários da obra *Favelost*, de Fausto Fawcett, propomos apresentá-la em três seções temáticas, cada uma fundamentada nas formações discursivas que compõem o quadro hermenêutico adotado para esta pesquisa: o grotesco, a literatura marginal e a poética da incerteza. Ao adotar essas três formações discursivas como eixos de análise, esperamos oferecer uma leitura abrangente e profunda de *Favelost*, revelando as complexidades e as nuances da obra de Fausto Fawcett.

2 O grotesco: uma representação disforme e abjeta da realidade

Nesta seção, exploraremos o grotesco como uma formação discursiva central na obra de Fawcett para a construção de sentidos na coenunciação. O grotesco, com suas

características de exagero, deformidade e mistura de elementos cômicos e trágicos, serve, segundo Kayser (2003), como uma ferramenta para desestabilizar as normas sociais e estéticas estáveis para o coenunciador. Analisaremos como Fawcett utiliza o grotesco para criar uma representação distorcida e hiperbolizada da realidade urbana, revelando as contradições e tensões subjacentes à vida nas metrópoles. Essa abordagem permite compreender como o grotesco contribui para a construção de enunciados literários que desafiam convenções.

O grotesco, segundo Wolfgang Kayser (2003), é um conceito que se fundamenta na deformidade e na dissonância entre aparência e essência. Kayser argumenta que o grotesco emerge da ruptura das normas estéticas e da ordem natural, resultando em uma sensação de estranhamento e abjeção. Essa deformidade pode ser expressa, na enunciação, por meio da representação de imagens ou descrições que provocam repulsa e desconforto. Trata-se de uma categoria que não se limita apenas à deformidade física, mas também abrange o rebaixamento espiritual e moral de tudo que é considerado elevado e sublime. Esse rebaixamento é uma característica central do grotesco, pois ele subverte as hierarquias tradicionais e expõe a fragilidade e a vulnerabilidade da condição humana. A estética do grotesco, assim, é uma estética do disforme, em que o belo e o sublime são distorcidos e transformados em algo perturbador e inquietante. Essa sensação, que tomamos como um estranhamento, está intimamente ligada à relação entre aparência e essência. O grotesco desafia as percepções convencionais e revela a dissonância entre o que é visível e o que é oculto, criando uma tensão que é central para a experiência estética, uma vez que ela força o observador a confrontar a instabilidade e a ambiguidade da realidade. Além disso, o grotesco pode ser representado não apenas na escritura do corpo, mas também na descrição de ambientes e cenários que escondem conflitos ocultos. Esses ambientes grotescos são frequentemente caracterizados por uma atmosfera de desordem e caos, onde as fronteiras entre o real e o imaginário são borradas. Essa ambiguidade espacial contribui para a sensação de estranhamento e desconforto que é característica do grotesco. Em *Favelost*, evidenciamos esses traços do grotesco em ambientes, cenários e sujeitos no fragmento abaixo:

A nanotecnologia surgiu para acabar com a poluição industrial. Pra Grande Indústria não fazer fumaça, não consumir tanta energia, enfim, veio pra mudar o esquema de produção. Não apenas fabricar invisíveis máquinas de interferências orgânica e inorgânica, mas principalmente contribuir para o desenvolvimento sustentável de tudo no mundo. Mas humanos são humanos, malucos infantis, competitivos, errados, fracos,

equivocados, autoenganosos e cheios de energia amorosa, produtiva e criativa batendo de frente com todas as impossibilidades e tragédias que o cercam. Humanos são humanos e têm a metástase, quando o câncer começa a se espalhar pelo corpo, como referência do que acontece quando certos processos são postos em andamento. Células se multiplicam indiscriminadamente e acabam matando o organismo. E assim aconteceu com a tal da sustentabilidade, virou um pesadelo, já que a infinita rápida do ser se tornou sustentável, e máfias surgiram desabaladas como as eólicas, por exemplo, traficando ventinhos localizados e minitufões de dez minutos, traficando bactérias usadas pra limpar a Baía de Guanabara e o Tietê, pra limpar manchas de óleo no alto-mar, bactérias essas que eram pervertidas, alteradas, desvirtuadas da sua função de limpeza ecológica, sustentável, e passavam a servir a outro tipo de limpeza – a limpeza homicida de humanos (Fawcett, 2012, p. 19).

O trecho descreve a nanotecnologia como uma inovação destinada a resolver problemas ambientais e promover a sustentabilidade. No entanto, essa promessa de progresso e harmonia é rapidamente subvertida pela natureza humana, que é retratada pela categoria do grotesco: “malucos infantis, competitivos, errados, fracos, equivocados, autoenganosos”. Essa descrição enfatiza a deformidade moral e espiritual dos seres humanos retratados na narrativa, que, apesar de suas intenções nobres, acabam pervertendo a tecnologia para fins destrutivos. Ainda, a metáfora da metástase do câncer também é atravessada pelo grotesco, pois associa o crescimento descontrolado das células cancerígenas à disseminação desordenada da tecnologia. Essa imagem cria uma sensação de abjeção e desconforto, ao mesmo tempo que subverte a expectativa de que a tecnologia traria benefícios sustentáveis.

O rebaixamento espiritual e moral é evidente na transformação das bactérias projetadas para limpar o meio ambiente em agentes de “limpeza homicida de humanos”. Essa perversão da função original das bactérias representa um rebaixamento grotesco do ideal elevado de sustentabilidade para um uso macabro e assassino do termo. A descrição das “máfias desabaladas” que traficam ventos e bactérias pervertidas reforça a ideia de que o grotesco está presente na corrupção das hierarquias tradicionais e na exposição da vulnerabilidade humana. A ideia de “traficando ventinhos localizados e minitufões de dez minutos” é ao mesmo tempo absurda e perturbadora, contribuindo para a sensação de desordem e caos. Essa ambiguidade espacial e funcional das tecnologias reforça a estética do grotesco, em que o familiar se torna estranho e inquietante.

Bakhtin (2008) também contribui para compreendermos o grotesco no trecho em destaque. Ao introduzir o conceito de realismo grotesco, o autor descreve-o como um

jogo insólito e fantástico que se liberta das formas reconhecidas e se transforma continuamente. Esse estilo é caracterizado pela confusão e metamorfose das formas, por meio de um rebaixamento axiológico do sujeito, que deveria ocupar um plano elevado. No caso da narrativa em análise, o sujeito é retratado como uma engrenagem, uma matéria orgânica em seu aspecto mais animalesco e primitivo. Esse rebaixamento está intimamente ligado ao princípio da vida corporal e material, enfatizando a deformidade estética e a fisicalidade do corpo. No realismo grotesco, o corpo humano ganha destaque como meio de expressar a deformidade e a transgressão das normas sociais e estéticas. A ênfase no aspecto corporal serve para subverter as hierarquias tradicionais e expor a vulnerabilidade e a imperfeição inerentes à condição humana.

Kayser (2003), na mesma perspectiva que Bakhtin (2008), compreende que a expressão disforme do corpo no grotesco possui um significado mais profundo e essencial, de natureza existencial. O grotesco não se limita à deformidade física, mas também abrange os conflitos interiores, a dor e o sofrimento psíquico, que são determinantes para a expressão disforme. Por trás das expressões grotescas, há inquietações e angústias interiores que refletem a complexidade da experiência humana. Essas inquietações interiores são exploradas através da deformidade e da dissonância entre aparência e essência, criando uma estética que é, ao mesmo tempo, perturbadora e reveladora. O grotesco, portanto, serve como uma ferramenta para explorar as profundezas da psiquê humana e as tensões entre o corpo e o espírito, o material e o imaterial.

Identificamos que Kayser (2003) compreende o grotesco como uma expressão disforme que possui um significado mais profundo e essencial, de natureza existencial. No trecho em destaque, a descrição dos humanos como “cheios de energia amorosa, produtiva e criativa batendo de frente com todas as impossibilidades e tragédias que o cercam” revela uma tensão existencial entre as aspirações humanas e as realidades trágicas que enfrentam. Ainda, a transformação das bactérias de agentes de limpeza ecológica para ferramentas de homicídio reflete as inquietações e angústias interiores dos personagens. Essa perversão das intenções originais das tecnologias revela a complexidade da experiência humana e a dissonância entre aparência e essência, criando uma estética perturbadora e reveladora.

3 A literatura marginal como especulação dos excluídos

Consideramos que, além do grotesco, a literatura marginal, como formação discursiva que emerge dos enunciados literários das periferias e dá voz aos excluídos social, étnica e culturalmente, também compõe os enunciados literários presentes em *Favelost*, de Fausto Fawcett. Ao se tratar de uma narrativa fantástica especulativa, *Favelost* permite que a literatura marginal se configure como uma formação discursiva capaz de possibilitar ao coenunciador a construção de efeitos de sentido de vidas marginais especuladas em um futuro indeterminado, em que os efeitos do capitalismo se tornam ainda mais hostis. Dessa maneira, buscamos destacar, nesta seção, os recursos estilísticos e temáticos empregados por Fawcett (2012) para representar a realidade das favelas em uma narrativa especulativa, explorando como essas técnicas literárias contribuem para a criação de um universo onde as margens sociais são projetadas em um cenário futurista e desafiador.

Eble (2012) considera que o termo “literatura marginal” na literatura brasileira ganhou destaque na década de 1970 com a Geração do Mimeógrafo, representada por autores como Ana Cristina César, Cacaso, Paulo Leminski, Chacal, entre outros. Esses escritores, situados à margem do circuito editorial tradicional, subverteram o poder acadêmico e linguístico, utilizando suas obras para explorar novas formas de expressão e desafiar as convenções estabelecidas. Esse movimento serve como ponto de partida para compreender como a nomenclatura “marginal” se modificou para abarcar um novo grupo de escritores na década de 1990. Esses novos autores, oriundos da periferia e das contraculturas *hip hop* e *punk rock*, abordam temáticas centradas nos problemas sociais. Nomes como Alessandro Buzo, Sacolinha, Santiago Dias, Sérgio Vaz, Shabazz, Valo Velho e Ferréz emergem nesse período, assumindo a terminologia “marginal” para caracterizar o contexto de marginalidade social e cultural ao qual estão submetidos.

Tanto a geração de 1970 quanto a que se desenvolveu a partir de 1990 compartilham a percepção de que suas produções literárias estão à margem da sociedade e da literatura canônica. Essa marginalidade se manifesta principalmente na linguagem e, no caso dos artistas da geração de 1990, na origem socioeconômica dos autores. Ambas as gerações desenvolvem uma literatura engajada, que não apenas desafia as normas estéticas tradicionais, mas, posteriormente, levanta questionamentos advindos das classes sociais que representam. A literatura marginal, nesse sentido, é fundamental para entender certas nuances culturais e sociais do Brasil e passa a oferecer, quando tem entrada nas regiões periféricas urbanas, uma perspectiva crítica e insurgente que reflete as vozes e as experiências dessas comunidades. Destacá-la como formação discursiva em *Favelost* é

essencial para compreender a conjuntura de como esse campo cultural contemporâneo revela as tensões e as contradições da sociedade brasileira representadas nos enunciados literários desenvolvidos.

Ferréz (2005) e Santos (2006) compreendem, em linhas gerais, que a literatura marginal é aquela que, entre outras características, remete à subjetividade de sujeitos marginais em espaços igualmente marginais. O uso da linguagem nessas obras denota a afirmação de uma cultura que se distancia dos padrões estabelecidos, buscando o marginal como meio de subversão e descentramento. Essas obras não têm a ilusão de pertencer ao chamado centro universitário, econômico e literário, posicionando-se deliberadamente à margem dessas esferas. A apropriação do marginal se dá por meio das questões sociais retratadas nas obras, do ambiente periférico e da própria condição dos escritores, que estão à margem da elite literária. Essa subversão do cânone literário é evidente em autores como Fausto Fawcett. Além de ser um músico do *underground* carioca e se reconhecer como um compositor de *rap-rock*, Fawcett é também um escritor de romances de narrativa especulativa. Seus personagens e ambientes retratam a marginalidade defendida pela literatura marginal, oferecendo uma crítica incisiva às dinâmicas sociais e culturais das metrópoles brasileiras. Ao explorar a vida nas periferias urbanas, a obra revela as tensões e contradições da sociedade contemporânea, proporcionando uma visão crítica e insurgente que é essencial para a compreensão das dinâmicas culturais e sociais do Brasil, como podemos observar nos enunciados literários a seguir:

Favelost é uma Mancha Urbana que liga São Paulo ao Rio de Janeiro, no território do Vale do Paraíba às margens da Via Dutra. Rio Paulo de Janeiro São. De Barra Mansa a Taubaté, de Volta Redonda a Pindamonhangaba, todas as cidades sucumbiram à invasão de todos os espaços pelos projetos industriais, empresariais, invasão de milhares de pessoas à procura de ofertas de serviços remunerados rapidinho, uma vida de lucro a curto prazo em Favelost. A nova franquia social. Depois das Revoluções Inglesa, Americana, Francesa. Depois do nazismo, comunismo, absolutismo, anarquismo, liberalismo (no fim das contas, todos eles se sobrepõem híbrida e insidiosamente nos interstícios dos estados mais ou menos inseridos nas democracias de mercado pelo mundo), depois disso tudo uma nova franquia de festa humana, de batalha por afirmação social, existencial, acontece às margens da Via Dutra. O Vale do Paraíba surge novamente como polo muito além do econômico. Polo de concentração civilizatória, capitalista, no seu mais alto grau. Território de convergência dos estados, das ciências, das indústrias, das empresas, das máfias e firmas mundiais de negociação e investimento paralelo. Território de convergência de tudo em off Favelost (Fawcett, 2012, p. 33).

Os enunciados literários em destaque descrevem Favelost como uma “Mancha Urbana” que conecta São Paulo ao Rio de Janeiro, abrangendo o território do Vale do Paraíba às margens da Via Dutra. Essa descrição já subverte a noção de centros urbanos tradicionais, criando uma nova geografia que desafia as fronteiras estabelecidas. A fusão das cidades em “Rio Paulo de Janeiro São” simboliza a desestruturação dos centros urbanos e a criação de um espaço marginal que é, ao mesmo tempo, central na narrativa. A narrativa destaca a invasão de todos os espaços por projetos industriais e empresariais, bem como a chegada de milhares de pessoas em busca de oportunidades econômicas. Essa “nova franquia social” representa uma forma de marginalidade em que a busca por lucro a curto prazo e a precariedade das condições de vida são predominantes. A descrição de Favelost como um lugar de “batalha por afirmação social, existencial” reflete a luta constante dos sujeitos à margem de políticas públicas para sobreviver e se afirmar em um ambiente hostil.

O trecho, dessa maneira, faz uma crítica incisiva aos diversos sistemas políticos e econômicos que, segundo o enunciador, se sobrepõem de maneira híbrida e insidiosa nas democracias de mercado. A menção a revoluções e ideologias como o nazismo, comunismo, absolutismo, anarquismo e liberalismo sugere que, apesar das diferenças, todos esses sistemas acabam contribuindo para a criação de um ambiente de exploração e marginalização. Essa crítica é central para a literatura marginal, que frequentemente questiona as estruturas de poder e as desigualdades sociais. O Vale do Paraíba é descrito como um “polo de concentração civilizatória, capitalista, no seu mais alto grau”, onde convergem estados, ciências, indústrias, empresas, máfias e firmas mundiais de negociação e investimento paralelo. Essa convergência de elementos diversos e muitas vezes contraditórios reflete a complexidade e a ambiguidade da modernidade urbana. *Favelost*, como território de convergência “de tudo em *off*”, simboliza a marginalidade que permeia e sustenta a civilização capitalista contemporânea. A narrativa especulativa, nesse sentido, é uma estética que serve para criar um cenário distópico que amplifica as tensões e as contradições da sociedade contemporânea. Seus personagens e ambientes retratam a marginalidade de maneira visceral, oferecendo uma crítica incisiva às dinâmicas sociais e culturais das metrópoles brasileiras.

Canclini (1997) observa que a literatura marginal se insere no contexto da hibridização cultural, um conceito que implica a compreensão dos processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas anteriormente distintas se combinam para gerar novas formas, objetos e estéticas. A hibridização cultural, especialmente no

contexto da literatura marginal, revela uma cultura que não se encaixa exclusivamente em categorias tradicionais, como popular, folclórica, de massa ou urbana, mas que, paradoxalmente, pode incorporar elementos de todas essas esferas simultaneamente. Essa mescla de influências e referências cria uma forma de expressão única que desafia as classificações convencionais e reflete a complexidade das identidades contemporâneas. Nesse sentido, a obra de Fausto Fawcett exemplifica essa hibridização, ao realizar uma crítica social incisiva enquanto se insere no campo da literatura fantástica especulativa. Fawcett escolhe protagonistas que representam a classe marginalizada, conferindo-lhes voz e agência dentro de narrativas que desafiam as convenções literárias estabelecidas. Além disso, a utilização de uma linguagem experimental, que remete ao experimentalismo da Geração do Mimeógrafo, reforça a natureza híbrida de sua produção literária.

Como observamos anteriormente, os enunciados literários em destaque demonstram a fusão de Rio de Janeiro e São Paulo em uma única megalópole, “Rio Paulo de Janeiro São”, criando uma sensação de desorientação espacial e temporal. Essa fusão não apenas desafia as fronteiras geográficas tradicionais, mas também reflete a hibridização de espaços urbanos e rurais, industriais e residenciais, criando uma nova forma de urbanidade que incorpora elementos de todas essas esferas simultaneamente. Essa invasão e transformação refletem a hibridização cultural, em que práticas e estruturas distintas se combinam para gerar novas formas de vida urbana. A “nova franquia social” mencionada no texto simboliza essa mescla de influências e referências, criando uma forma de expressão única que desafia as classificações convencionais. Fawcett observa ainda que todos os sistemas políticos e econômicos disponíveis se sobrepõem “híbrida e insidiosamente” nos interstícios dos estados modernos. Essa observação reflete a hibridização ideológica, onde diferentes ideologias se combinam e coexistem de maneira complexa e muitas vezes contraditória, criando novas formas de organização social e política. Por fim, a linguagem experimental de Fawcett reforça a natureza híbrida de sua produção literária.

4 A poética da incerteza: entre o racional e o sobrenatural

Além do grotesco e da literatura marginal, a poética da incerteza é a terceira formação discursiva que compõe as características do quadro hermenêutico que selecionamos para compreensão das possibilidades de construção de sentidos do

coenunciador dos enunciados literários de *Favelost*, de Fausto Fawcett. A poética da incerteza implica enunciados que enfatizam a ambiguidade, a fragmentação e a indeterminação. Fawcett (2012) utiliza esses recursos para criar uma narrativa especulativa que desafia as expectativas do coenunciador e questiona a possibilidade de uma verdade única e definitiva.

Os estudos de Irène Bessière (2001) oferecem uma contribuição significativa para a compreensão do funcionamento do modo de enunciação do fantástico na cena enunciativa. A autora observa que há uma diversidade de obras literárias que utilizam o fantástico como modo literário, constituindo o efeito fantástico através da construção do enunciado, narrando e exibindo eventos que incitam a incerteza e a ambiguidade. Bessière dedica-se a explorar a literatura fantástica como modo de enunciação que se pauta por uma poética da incerteza, aproximando-a da atividade de adivinhação e da interpretação de sinais enigmáticos. Nesse contexto, a narrativa fantástica provoca no coenunciador uma busca incessante pela resolução de enigmas que desdobram realidades múltiplas e complexas. Essa busca é fundamentada na invenção de mundos em tempos alternativos, nas regras paradoxais da natureza e nas contradições misteriosamente aceitas e coesas. A poética da incerteza, portanto, não apenas desafia as fronteiras entre o real e o imaginário, mas também subverte as expectativas do coenunciador, conduzindo-o a um estado de constante questionamento e reflexão sobre a natureza da realidade e da ficção. Bessière, ao analisar essas dinâmicas, revela como o fantástico opera como um dispositivo literário que desestabiliza as certezas e promove uma experiência estética marcada pela dúvida e pela perplexidade, como podemos observar nos enunciados literários a seguir:

Torres de material hidráulico, totens ferrosos cobrem o que foi outrora a entrada para Barra do Pirai. Agora é apenas uma localidade de Favelost. Grande Rio e grande São Paulo também foram engolidas pelos milhões de pessoas e ocupações imobiliárias que constituem a Mancha Urbana da megalópole Rio Paulo de Janeiro São. Versão mundana de um barato místico. Olhar de algum terraço a grande Mancha Urbana e sentir a insignificância, como se estivesse de frente pra um deserto, ou pro oceano do alto-mar, ou na estratosfera debaixo do cosmos, grande cosmos. Sentir a grandiosidade esmagadora de uma paisagem artificial, que é monumento à nossa vida de trabalho e invenção. Não tem santo, ave-maria, orixá ou divindade. A megalópole é a máxima entidade. Pedir licença e beijar a mão de sua majestade escancarando a humanidade. Megalópole-cidade. As vidas são fragmentos de intensidade à deriva nessa bomba de ocorrências que é a vida na cidade megalópole. Cidade onde as pessoas são vetores obscenos de urgência, e a gente nunca sabe muito bem o que vai no

coração da multidão. Versão mundana de um barato místico. Insignificância e iminência (Fawcett, 2012, p. 41).

O fragmento em destaque descreve uma paisagem urbana distópica e cria uma sensação de desorientação espacial e temporal. Essa fusão e a descrição da “Mancha Urbana” evocam uma realidade alternativa que desafia a percepção do coenunciador sobre o espaço urbano contemporâneo. Dessa maneira, a narrativa provoca uma sensação de insignificância ao comparar a grandiosidade da paisagem artificial da megalópole com elementos naturais como o deserto, o oceano e a estratosfera. Essa comparação subverte a percepção do coenunciador, criando uma ambiguidade entre o natural e o artificial. A “grandiosidade esmagadora” da megalópole, descrita como um “monumento à nossa vida de trabalho e invenção”, reforça a incerteza sobre o valor e o significado da existência humana dentro dessa vasta construção urbana.

A megalópole é personificada como a “máxima entidade”, uma divindade moderna que exige reverência. A ausência de santos, orixás ou divindades tradicionais e a substituição pela megalópole como entidade suprema subvertem as expectativas religiosas e espirituais do coenunciador. Essa personificação da cidade como uma entidade divina cria uma atmosfera de incerteza sobre a relação entre o humano e o urbano, desafiando as fronteiras entre o sagrado e o profano. Ainda, as vidas na megalópole são descritas como “fragmentos de intensidade à deriva”, destacando a fragmentação e a urgência da existência urbana. A descrição das pessoas como “vetores obscenos de urgência” e a incerteza sobre “o que vai no coração da multidão” reforçam a sensação de caos e desorientação. Essa fragmentação e a incerteza sobre as motivações humanas criam uma atmosfera de constante dúvida e perplexidade, características centrais da poética da incerteza. A repetição da frase “Versão mundana de um barato místico” sugere uma ambiguidade entre o mundano e o místico, que subverte as expectativas do leitor sobre a realidade urbana, criando uma sensação de incerteza sobre a natureza da experiência urbana. A megalópole é apresentada como uma entidade que, embora mundana, possui uma dimensão mística que desafia a compreensão racional.

Nesse sentido, a poética da incerteza como formação discursiva nos auxilia compreender a possibilidade do coenunciador identificar, nos enunciados literários do trecho em análise, uma narrativa que desafia suas percepções sobre a realidade urbana. A fusão espacial e temporal, a sensação de insignificância, a desumanização da cidade, a fragmentação da existência e a ambiguidade entre o mundano e o místico são elementos

que incitam a incerteza e a ambiguidade, características centrais do fantástico conforme discutido por Bessière (2001).

A narrativa fantástica, portanto, não se limita a criar mundos alternativos, mas também subverte as expectativas do coenunciador ao utilizar elementos como a ambiguidade, a duplicidade e a indeterminação. A ambiguidade emerge na coexistência de múltiplas interpretações possíveis para os eventos narrados, enquanto a duplicidade se manifesta na sobreposição de realidades contrastantes que desafiam a lógica convencional. A indeterminação, por sua vez, impede a fixação de significados estáveis, promovendo uma experiência de leitura marcada pela dúvida e pela perplexidade. Dessa forma, o enunciador da literatura fantástica não é apenas um criador de universos imaginários, mas um artífice que manipula a linguagem e a estrutura narrativa para engendrar um espaço de incerteza, onde o coenunciador é compelido a navegar entre o real e o imaginário, o conhecido e o desconhecido. Esse jogo entre certezas e incertezas não apenas enriquece a experiência estética, mas também convida o coenunciador a refletir sobre a própria natureza da realidade e da ficção.

Conclusão

Por fim, demonstramos que Fausto Fawcett e sua obra *Favelost* ocupam um lugar de destaque na literatura brasileira contemporânea, especialmente no contexto da ficção fantástica especulativa e da literatura *underground* com temática marginal. Reconhecido por sua capacidade de inovar e experimentar com formas e temas literários, Fawcett, em *Favelost*, mescla elementos de ficção científica com a realidade das favelas brasileiras, por meio de enunciados que refletem e hiperbolizam a violência e a marginalização presentes no cotidiano das grandes metrópoles. Dessa forma, *Favelost* oferece um panorama crítico das dinâmicas culturais, sociais e políticas do Brasil contemporâneo, abordando temas como desigualdade social, violência urbana, uso da tecnologia por grandes corporações e marginalização em megalópoles. A obra traz para o centro da narrativa personagens e cenários frequentemente relegados à margem, também utilizando o grotesco e a poética da incerteza como ferramentas para explorar e representar a realidade abjeta que naturalizamos diariamente. O grotesco, com sua capacidade de chocar e perturbar, destaca as aberrações e as injustiças sociais, enquanto a poética da incerteza reflete a instabilidade e imprevisibilidade da vida nas megalópoles em um futuro não tão distante, em que a desigualdade é intensificada pela tecnologia.

As formações discursivas selecionadas – literatura marginal, o grotesco e a poética da incerteza – foram fundamentais para compreender como *Favelost*, de Fausto Fawcett, se posiciona como uma obra que emerge desses territórios discursivos, permitindo ao coenunciador explorar uma vasta gama de construções de sentido. A utilização dos estudos da Análise do Discurso de tendência francesa, especialmente a proposta de Dominique Maingueneau, foi decisiva para nossa análise, ao oferecer um quadro hermenêutico que enriqueceu a leitura crítica dos enunciados literários. Isso não apenas valorizou a construção de sentidos pelo coenunciador, mas também proporcionou uma compreensão mais profunda e contextualizada do texto, revelando as complexas dinâmicas de significação presentes. Ao sistematizar essas dinâmicas, o quadro hermenêutico permitiu identificar nuances e sutilezas que poderiam ser ignoradas em uma leitura superficial, promovendo, assim, uma análise mais detalhada e completa de nossa amostra de pesquisa.

Referências

- AUTHIER-REVUZ, J. **Hétérogénéité montréalaise et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours.** In: *DRLAV – Revue de Linguistique*, n.26, 1982. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/drlav_0754-9296_1982_num_26_1_978. Acesso em: 27 nov. 2024.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso.** Trad. Fabiana Komesu. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média: o contexto de François Rabelais.** Trad. Yara Frateschi Vieira. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.
- BESSIÈRE, I. **El relato fantástico: forma mixta de caso y adivinanza.** David Roas, org. *Teorías de lo Fantástico.* Madrid: Arco/Libros S.L., 2001. p. 83-104.
- CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** São Paulo: Edusp, 1997.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- EBLE, L. J. **(auto)biografias urbanas: percursos possíveis pela literatura marginal.** In: *Revue d'études ibériques et ibéro-américaines.* Paris. n.2, p 27-36. Automne, 2012. Disponível em: <https://hal.science/hal-04069828/>. Acesso em: 27 nov. 2024.
- FAWCETT, F. **Favelost: (the book).** São Paulo: Martins Fontes, 2012.

FERRÉZ (org.). **Literatura marginal**: talentos da escrita periférica. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

ISER, W. **O ato de leitura**: uma teoria do efeito estético. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996-1999.

KAYZER, W. *O grotesco*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2003.

MAINGUENEAU, D. (2006). **O discurso literário**. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2006.

SANTOS, C. C. A violência em Capão Pecado. **Literatura e Autoritarismo**, v.1. n. 10, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1679849X73951>. Acesso em: 8 nov. 2024.

Data de submissão: 10/06/2024

Data de aprovação: 06/11/2024